

BOAS ESPOSAS

TÍTULO ORIGINAL: *Little Women – Or Meg, Jo, Beth and Amy, Part Second*
AUTORA: Louisa May Alcott

© Guerra e Paz Editores, S. A., 2016
Reservados todos os direitos

*A presente edição não segue a grafia do
novo acordo ortográfico.*

TRADUÇÃO: Rita Carvalho e Guerra
REVISÃO: Inês Figueiras
ANEXOS: Textos de Inês Figueiras e André Morgado
DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO: Ilídio J.B. Vasco
ILUSTRAÇÕES: 1.ª edição, 1869, Roberts Brothers

ISBN: 978-989-702-224-1
DEPÓSITO LEGAL: 414507/16
1.ª EDIÇÃO: Outubro de 2016

Guerra e Paz, Editores, S. A.
R. Conde de Redondo, 8–5.º Esq.
1150-105 Lisboa
Tel.: 213 144 488
Fax: 213 144 489
E-mail: guerraepaz@guerraepaz.net
www.guerraepaz.net

BOAS ESPOSAS

LOUISA MAY ALCOTT

TRADUÇÃO
Rita Carvalho e Guerra



GUERRA & PAZ

ÍNDICE

Nota à edição	9
Capítulo I — Más-línguas	13
Capítulo II — O primeiro casamento	25
Capítulo III — Ensaaios artísticos.	32
Capítulo IV — Lições literárias	43
Capítulo V — Experiências domésticas	52
Capítulo VI — Visitas	67
Capítulo VII — Consequências	80
Capítulo VIII — A nossa correspondente no estrangeiro	92
Capítulo XIX — Ternos problemas	102
Capítulo X — O diário de Jo	114
Capítulo XI — Um amigo	128
Capítulo XII — Mágoa.	144
Capítulo XIII — O segredo de Beth	155
Capítulo XIV — Novas impressões.	162
Capítulo XV — Na prateleira	173
Capítulo XVI — Laurence Preguiçoso	186
Capítulo XVII — O Vale das Sombras	201
Capítulo XVIII — Aprender a esquecer	207
Capítulo XIX — Sozinha.	219
Capítulo XX — Surpresas	227
Capítulo XXI — Meu Senhor e Minha Senhora	243
Capítulo XXII — Daisy e Demi	249
Capítulo XXIII — Sob o chapéu-de-chuva.	256
Capítulo XXIV — Colheita	271

ANEXOS

Cronologia	285
A família Alcott e as personagens de <i>Boas Esposas</i>	289
Excertos do diário de Louisa May Alcott e carta ao editor .	291

NOTA À EDIÇÃO

Face ao êxito imediato de *Mulherzinhas*, o clássico juvenil da norte-americana Louisa May Alcott, publicado em 1868, sob o título *Little Women — Or Meg, Jo, Beth and Amy*, a escritora prosseguiu a história da família March em *Little Women, Part Second*, obra editada no ano seguinte e que, no Reino Unido, adoptou a designação *Good Wives*.

É este segundo volume — a que chamamos *Boas Esposas*, seguindo a tradição inglesa — que fazemos agora chegar ao público, numa nova tradução de Rita Carvalho e Guerra, com base na edição revista de 1880, da Roberts Brothers. Pelo registo histórico, decidimos também incluir as ilustrações da 1.^a edição da obra, sem indicação de autoria.

Em *Boas Esposas*, Louisa May Alcott avança três anos no tempo, até à altura dos preparativos do casamento de Meg, desvendando as aventuras e provações das quatro irmãs na difícil passagem para a idade adulta.

A *Mulherzinhas* e *Boas Esposas*, seguiram-se ainda as sequelas *Little Men* (1871) e *Jo's Boys* (1886).

BOAS ESPOSAS

CAPÍTULO I

MÁS-LÍNGUAS

Para que possamos começar de novo e seguir para o casamento de Meg com a mente livre, será bom começar por falar um pouco dos March. E aqui deixem que diga que, se alguém entre os mais velhos achar que existe muito «amor» na história, como temo que possam achar (não temo que os mais jovens apresentem tal objecção), posso apenas dizer, como Mrs. March, «O que é que *seria* de esperar quando temos em casa quatro alegres raparigas e por vizinho um jovem elegante?»

Os três anos que passaram trouxeram algumas alterações à sossegada família. A guerra terminou e Mr. March regressou a casa em segurança, atarefando-se com os seus livros e com a pequena paróquia que encontrou nele um pastor por natureza e por graça — um homem calmo, estudioso, rico em sabedoria, que é melhor do que erudição, a caridade de considerar todos os homens seus «irmãos», a piedade que floresce no carácter, tornando-o augusto e encantador.

Estes atributos, apesar da pobreza e da rígida integridade que lhe vedam o acesso a sucessos mais mundanos, atraíram para ele muitas pessoas admiráveis, com a mesma naturalidade com que as ervas doces atraem as abelhas, e com igual naturalidade lhes deu ele um mel, para o qual cinquenta anos de experiências difíceis não haviam destilado uma gota amarga que fosse. Os jovens sinceros viam no humanista de cabelos grisalhos um coração tão jovem como o deles; as mulheres meditativas ou perturbadas apresentavam-lhe instintivamente as suas dúvidas, certas de encontrar a mais gentil simpatia, o mais sábio conselho; os pecadores contavam os seus pecados ao velhote de coração puro e eram, ao mesmo tempo, repreendidos e salvos; os homens dotados encontravam nele um companheiro; os homens ambiciosos captavam vislumbres de ambições mais nobres do

que as suas; e até os mais mundanos confessavam que as suas crenças eram belas e verdadeiras, embora «não pagassem».

Para quem assistia de fora, as cinco mulheres enérgicas pareciam governar a casa, e assim era em muitas coisas; mas o calmo humanista, sentado entre os seus livros, era ainda o chefe da família, a consciência da casa, a âncora e o conforto, pois era sempre para ele que as mulheres, atarefadas e ansiosas, se viravam em períodos mais perturbados, considerando-o, no sentido mais verdadeiro dessas palavras sagradas, um marido e um pai.

As raparigas entregavam os corações aos cuidados da mãe, as almas aos do pai; e a ambos, que viviam e trabalhavam tão fielmente por elas, davam um amor que crescia com elas e que os unia ternamente pelos laços mais doces, que abençoam a vida e sobrevivem à morte.

Mrs. March continua muito activa e alegre, embora mais grisalha do que quando a vimos pela última vez, e agora tão compenetrada nas coisas de Meg que os hospitais e os lares, ainda repletos de «rapazes» feridos e de viúvas de soldados, sentem, sem dúvida, a falta das visitas da missionária maternal.

John Brooke cumpriu o seu dever com honra durante um ano, foi ferido, enviado para casa e não lhe foi permitido regressar. Não recebeu estrelas ou condecorações, mas merecia-as, pois arriscou alegremente tudo o que tinha, e a vida e o amor são bens preciosos quando no seu auge. Perfeitamente resignado à sua dispensa, dedicou-se a ficar melhor, a preparar-se para o trabalho e a criar um lar para Meg. Com o bom senso e a independência determinada que o caracterizavam, recusou as ofertas mais do que generosas de Mr. Laurence, e aceitou a posição de guarda-livros, sentindo-se mais satisfeito em começar com um salário honesto do que em correr riscos com dinheiro emprestado.

Meg passara o tempo a trabalhar, para além de esperar, crescendo feminina no carácter, sábia nas artes do lar e mais bela do que nunca, pois o amor é um grande embelezador. Tinha as suas ambições e esperanças de menina, e sentia-se algo decepcionada com aquele início humilde de uma nova vida. Ned Moffat acabara de casar com Sallie Gardiner, e Meg não podia deixar de comparar a sua bela casa e carruagem, os muitos presentes, e o esplêndido vestido com o seu, desejando secretamente poder ter o mesmo. Mas a inveja e o descontentamento depressa desapareceram quando pensou em todo o amor e em todo o trabalho paciente que John colocara na pequena casa que a esperava; e quando se sentavam juntos, ao anoitecer,

falando sobre os seus pequenos planos, o futuro tornava-se sempre tão belo e luminoso que esquecia o esplendor de Sallie e se sentia a rapariga mais rica e feliz da Cristandade.

Jo nunca mais voltou a casa da tia March, pois a idosa senhora gostou tanto de Amy que a subornou com a oferta de lições de pintura por um dos melhores professores; e, para gozar de tal benesse, Amy teria servido uma senhora bem mais difícil. Assim, dedicou as manhãs ao dever, as tardes ao prazer, e prosperou admiravelmente. Entretanto, Jo dedicou-se à literatura e a Beth, que continuava com uma saúde delicada mesmo muito depois de a febre se tornar uma coisa do passado. Não propriamente uma inválida, mas não mais a criatura rosada e saudável que fora no passado; continuava esperançosa, feliz e serena, atarefada com os calmos deveres que adorava, amiga de todos e um anjo em casa, muito antes de aqueles que mais a amavam se terem dado conta.

Dado que o *The Spread Eagle* lhe pagava um dólar por coluna pelos seus «disparates», como ela lhes chamava, Jo sentia-se uma mulher de poses, e lavrava diligentemente os seus pequenos romances. Mas no seu cérebro atarefado e na sua mente ambiciosa fermentavam grandes planos, e o velho forno de estanho nas águas-furtadas guardava uma pilha de manuscritos esborratados em lento crescimento, que um dia haveriam de inscrever no rol da fama o nome March.

Laurie, tendo seguido diligentemente para a faculdade para agradar ao avô, prosseguia os seus estudos da maneira mais fácil possível, para se agradar a si mesmo. Um preferido de todos, graças ao dinheiro, às boas maneiras, ao muito talento e ao mais gentil dos corações, que colocava constantemente em sarilhos o seu possuidor, ao tentar livrar outras pessoas dos mesmos, corria o grande risco de ser mimado, e provavelmente tê-lo-ia sido, como tantos outros rapazes promissores, não fora o facto de possuir um talismã contra o mal na memória do velho gentil que estava associado ao seu sucesso, na amiga maternal que dele cuidara como se fosse seu filho e, por fim, mas não menos importante, na certeza de que quatro inocentes raparigas o amavam, admiravam e acreditavam nele com todo o coração.

Sendo apenas um «rapaz gloriosamente humano», é claro que se divertiu e namoriscou, tornou-se janota, aquático, sentimental ou desportivo, de acordo com as modas da faculdade, praxou e foi praxado, usou calão e esteve, por mais de uma vez, perigosamente perto de ser suspenso e expulso. No entanto, sendo a boa disposição e o amor pela diversão as causas de tais

partidas, conseguiu sempre salvar-se graças a uma confissão franca, a uma expiação honrada e ao irresistível poder de persuasão que possuía na perfeição. De facto, orgulhava-se bastante das ocasiões em que escapara por pouco e gostava de encantar as raparigas com relatos gráficos dos seus triunfos sobre os tutores irados, os dignos professores e os inimigos derrotados. Os «homens da minha turma» eram heróis aos olhos das raparigas, que nunca se cansavam dos feitos dos «nossos colegas» e a quem era muitas vezes permitido admirar os sorrisos destas grandes criaturas, quando Laurie os levava a sua casa.

Amy, em especial, apreciava esta grande honra e tornou-se uma verdadeira beldade entre eles, pois cedo sentiu e aprendeu a usar o encanto de que era dotada. Meg estava demasiado absorvida no seu John para se preocupar com quaisquer outros senhores de criação, e Beth era demasiado tímida para fazer mais do que espreitá-los e perguntar-se como se atreveria Amy a dar-lhes ordens, mas Jo sentia-se no seu elemento e tinha grandes dificuldades em refrear-se de imitar as atitudes cavalheirescas, as frases e feitos deles, que lhe pareciam mais naturais do que o decoro prescrito às jovens senhoras. Todos gostavam imenso de Jo, mas nunca se apaixonavam por ela, embora poucos escapassem sem prestar o tributo de um ou dois suspiros sentimentais ao altar de Amy. E falar de sentimentos traz-nos, naturalmente, ao «Pombal».

Era esse o nome da pequena casinha castanha que Mr. Brooke preparara para primeiro lar de Meg. Laurie baptizara-a, dizendo que se adequava plenamente aos gentis amantes que «combinavam um com o outro como um casal de pombos, com uma bicada e um arrulho». Era uma casa muito pequena, com um jardimzinho nas traseiras e um relvado na parte da frente, mais ou menos do tamanho de um lenço de bolso. Aqui, Meg desejava colocar uma fonte, uns arbustos e uma profusão de belas flores; embora, para já, a fonte fosse representada por uma espécie de samovar gasto pelo tempo, deveras parecida com uma daquelas tigelas usadas para despejar as borras do chá, o arbusto era composto por vários lariços jovens, indecisos quanto a viver ou morrer, e a profusão de flores não era mais do que sugerida pelos regimentos de paus que assinalavam os locais onde tinham sido colocadas as sementes. A sala de estar era tão estreita que se podia considerar uma sorte que eles não possuíssem qualquer piano, pois não teria sido possível colocá-lo inteiro no seu interior; a sala de jantar era tão pequena que só cabiam seis pessoas muito apertadas; e as escadas para a cozinha pareciam

ter sido construídas com o expresso propósito de precipitar empregados e louças aos trambolhões para a carvoaria. Mas, depois de nos habituarmos a estes pequenos defeitos, não a poderíamos considerar mais completa, pois o bom senso e o bom gosto tinham presidido ao seu mobilar, e o resultado era muitíssimo satisfatório. Não havia mesas com tampos de mármore, espelhos compridos ou cortinados de renda na pequena sala de estar, apenas um mobiliário simples, muitos livros, um ou dois belos quadros, um suporte para vasos de flores junto à janela saliente e, espalhados por todo o lado, os simpáticos presentes trazidos por mãos amigas e tornados ainda mais belos pelas encantadoras mensagens que os acompanhavam.

Não creio que a Psique de porcelana de Laurie tenha perdido a sua beleza por John ter erigido o suporte no qual se encontrava, que um qualquer decorador pudesse ter criado cortinas de simples musselina mais graciosamente do que as mãos artísticas de Amy ou que uma qualquer dispensa pudesse ter oferecido melhores desejos, palavras mais alegres e esperanças mais felizes do que aquela onde Jo e a sua mãe guardaram as poucas caixas, frascos e embrulhos de Meg; e tenho a certeza de que a cozinha completamente nova jamais *poderia* ter parecido tão acolhedora e arrumada, se Hannah não tivesse arrumado cada tacho e panela uma dúzia de vezes e deixado o fogo preparado para ser aceso, mal «Mis. Brooke chegasse a casa». Também duvido que alguma jovem senhora tenha, algum dia, iniciado a sua vida com um tão rico fornecimento de espanadores, pegas e sacolas, pois Beth fizera mais do que suficientes para chegarem às bodas de prata e criara três tipos diferentes de panos da louça que só seriam usados com o serviço de porcelana.

As pessoas que contratam todas estas coisas não sabem o que perdem, pois as tarefas mais caseiras tornam-se mais belas quando realizadas por mãos carinhosas, e Meg encontrou disso muitas provas, pois tudo no seu pequeno ninho, do rolo de cozinha à jarra de prata na mesa da sala de estar, falava eloquentemente de amor pelo lar e terna prudência.

Que tempos felizes tinham planeado juntos, que excursões solenes às compras, que erros engraçados cometeram, e que gargalhadas nasceram das ridículas pechinchas de Laurie. No seu amor pela diversão, este jovem cavaleiro, embora perto de terminar a faculdade, era tão rapazola como sempre. O seu último capricho fora trazer com ele, para as visitas semanais, um novo, útil e engenhoso artigo para a jovem dona de casa. Ora um saco de espantosas molas da roupa; ora um magnífico ralador de noz-moscada

que se desfez em mil pedaços na primeira utilização; um limpador de facas que estragava todas as facas; ou uma máquina de varrer que retirava todo o pêlo do tapete mas deixava a sujeira; um sabão especial para poupar trabalho que arrancava a pele das mãos; colas infalíveis que não aderiam com firmeza ao que quer que fosse, com excepção dos dedos do comprador iludido; e todo o tipo de utensílios de estanho, de um banco de brincar para moedas velhas a um fervedor maravilhoso capaz de lavar objectos no seu próprio vapor, mas que tinha todas as hipóteses de explodir entretanto.

Meg pediu-lhe, em vão, que parasse. John riu dele e Jo chamou-lhe «Mr. Toodles». Estava possuído por uma obsessão pelo condescendente engenho ianque e por ver os seus amigos adequadamente equipados. Por isso cada semana trazia consigo uma nova bizarria.

Por fim, tudo ficou concluído, tendo Amy chegado ao ponto de organizar sabões de diferentes cores para combinarem com as cores das diferentes divisões e Beth posto a mesa para a primeira refeição.

— Estás satisfeita? Parece-te uma casa acolhedora e sentes que aqui serás feliz? — perguntou Mrs. March, enquanto ela e a filha percorriam de braço dado o novo reino, pois nesse momento pareceram agarrar-se uma à outra com mais ternura do que nunca.

— Sim, mãe, perfeitamente satisfeita, graças a todos vocês, e *tão* feliz que nem o consigo expressar por palavras — respondeu Meg, com um olhar que dizia mais do que quaisquer palavras.

— Se ao menos tivesse uma ou duas empregadas, tudo estaria bem — disse Amy, saindo da sala de estar, onde estivera a tentar decidir se o Mercúrio de bronze ficaria melhor na prateleira do móvel ou da lareira.

— A mãe e eu já falámos sobre isso, e decidi fazer, primeiro, como ela aconselha. Terei tão pouco para fazer que, com o apoio da Lotty para tratar de alguns recados e me dar uma ajuda aqui e ali, me bastará trabalhar o suficiente para não me tornar preguiçosa nem sentir saudades de casa — respondeu Meg tranquilamente.

— A Sallie Moffat tem quatro — começou Amy.

— Se a Meg tivesse quatro criadas, esta casa não seria suficiente e os seus proprietários teriam de dormir no jardim — interrompeu Jo, que, envolta numa grande bata azul, dava os últimos polimentos às maçanetas da porta.

— A Sallie não é a mulher de um homem pobre e as muitas criadas adequam-se à sua posição. A Meg e o John têm um início humilde, mas

acredito que haverá tanta felicidade na casa pequena quanto na grande. É um grande erro deixar jovens como a Meg sem outra coisa para fazer para além de se vestir, dar ordens e falar dos outros. Quando me casei, costumava esperar que as minhas roupas novas se gastassem ou rasgassem para poder ter o prazer de as remendar, porque me sentia profundamente farta de fazer bordados e tratar do meu lenço de bolso.

— Porque não ia para a cozinha preparar porcarias diferentes, como a Sallie diz que faz para se divertir, embora nunca resultem e as criadas se riam dela — disse Meg.

— Fi-lo ao fim de um tempo, não para fazer «porcaria», mas para aprender com a Hannah como eram feitas as coisas, para que as minhas criadas *não* se rissem de mim. Nessa altura, não passava de uma brincadeira, mas haveria de chegar um tempo em que me senti deveras grata por poder cozinhar alimentos saudáveis para as minhas meninas, e cuidar de mim mesma quando deixei de ser capaz de pagar às criadas. Começas pelo extremo oposto, Meg, querida, mas as lições que aprenderes agora ser-te-ão úteis quando o John for um homem mais rico, pois a senhora da casa, por esplêndida que seja, deve saber como fazer o trabalho, se deseja ser bem e honestamente servida.

— Sim, mãe, estou certa disso — disse Meg, escutando respeitosa-mente aquele pequeno sermão, pois as melhores mulheres permanecerão sempre atentas quanto se trata do importantíssimo tema da lida da casa. — Sabem que esta é a divisão de que mais gosto nesta minha casa de bonecas — acrescentou Meg, passado um minuto, quando subiram as escadas e ela espreitou para o bem fornecido armário dos linhos.

Beth estava lá, colocando as pilhas alvas nas prateleiras e exultando-se com a bela arrumação. Riram-se as três, pois aquele armário de linhos tinha uma história engraçada. Tendo antes dito que, se Meg casasse com «aquele Brooke» não veria um tostão do seu dinheiro, a tia March viu-se num dilema quando o tempo lhe apaziguou a raiva e levou-a a arrepender-se da promessa feita. Ela nunca faltava com a sua palavra, e muito teve de exercitar a mente para a contornar, tendo por fim divisado um plano que a deixava assaz satisfeita consigo mesma. Mrs. Carrol, a mamã de Florence, recebeu ordens para comprar, mandar fazer e bordar um generoso fornecimento de linhos de cama e de mesa, e enviá-los a Meg como se fosse um presente *seu*; mas o segredo foi revelado e a família divertiu-se bastante com ele, pois a tia March muito se esforçou por fingir que de nada sabia, insistindo que

não podia oferecer senão as pérolas antiquadas há muito prometidas à primeira noiva.

— Eis um gosto assaz adequado a uma dona de casa e que muito me agrada. Tive uma jovem amiga que montou a sua casa com seis lençóis, mas tinha tigelas para lavar os dedos e isso chegava-lhe — disse Mrs. March, tocando nos guardanapos de damasco, com um apreço pela sua delicadeza verdadeiramente feminino.

— Não tenho uma única tigela para lavar os dedos, mas, segundo a Hannah, este conjunto durará até ao fim dos meus dias. — E Meg mostrou-se muito satisfeita, e com razão.

— Vem lá o Toodles — gritou Jo do piso térreo, e todas desceram ao encontro de Laurie, cuja visita semanal era um importante evento nas suas vidas pacatas.

Um jovem alto e de ombros largos, com o cabelo curto, um chapéu de feltro e um casaco solto, avançava pela estrada com passos rápidos, saltou a vedação baixa sem parar para abrir o portão, dirigindo-se de imediato a Mrs. March, com as mãos estendidas e um sentido:

— Aqui estou, mãe! Sim, está tudo bem.

As últimas palavras foram em resposta ao olhar que a velha senhora lhe dirigiu, um olhar curioso e doce que os olhos elegantes receberam com tamanha franqueza que a pequena cerimónia foi, como habitualmente, encerrada com um beijo maternal.

— Para Mrs. John Brooke, com as felicitações e cumprimentos do fabricante. Abençoada sejas, Beth! Que visão refrescante, Jo. Amy, estás a ficar demasiado bela para uma rapariga solteira.

Enquanto falava, Laurie entregou um embrulho de papel castanho a Meg, puxou a fita do cabelo de Beth, fitou a grande bata de Jo e deixou-se cair, numa atitude de enlevo fingido aos pés de Amy, depois apertou as mãos de todas e começaram a conversar.

— Onde está o John? — perguntou Meg, ansiosamente.

— Parou para levantar a licença para amanhã, minha senhora.

— Que lado ganhou o último jogo, Teddy? — perguntou Jo, que continuava a demonstrar o seu interesse pelos desportos masculinos apesar dos seus dezanove anos.

— O nosso, claro. Quem me dera que lá estivesses para ver.

— Como está a encantadora Miss Randal? — perguntou Amy, com um sorriso significativo.